

A(RTICULA)ÇÕES EM REDE SOBRE/PARA A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DA AINPGP/FIPED

Network joints about/for Undergraduate Research: The Brazilian Experience of AINPGP/FIPED

Alexandre MARTINS JOCA¹
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Correio-e: alexmartinsjoca@yahoo.com.br

Submissão: 05 de maio de 2021

Envío a informantes: 10 de julio de 2021

Aceptación definitiva: 16 de junio de 2022

RESUMO: No Brasil, a discussão acadêmica sobre a pesquisa na formação inicial consiste em um debate fragilizado, de maneira que há uma lacuna na produção científica sobre esse objeto de estudo. Neste texto, apresento e analiso as estratégias de ações e articulações desenvolvidas pela Associação Internacional de Pesquisa na Graduação (AINPGP) em torno do debate sobre a pesquisa na graduação em Universidades brasileiras. Para isso, faço uma síntese de suas ações, dos instrumentos e das estratégias adotados na trajetória de seus 13 anos de existência. Este relato de experiência indica que a AINPGP, através da realização do Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED) e de outras atividades, vêm contribuindo academicamente no debate sobre a pesquisa na graduação, a partir de ações educativas que se fazem por deslocamentos geográficos, epistemológicos e culturais. Para isso, desenvolveu uma dinâmica pedagógica caracterizada pelo formato de rede interinstitucional, itinerante e sob a perspectiva da coletividade e da inclusão dos sujeitos e das instituições educacionais.

PALAVRAS-CHAVES: Pesquisa na graduação; AINPGP; FIPED; Universidade; Brasil.

¹ Professor adjunto da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (Câmpus de Cajazeiras). Graduado em Letras (2000) e Pedagogia (2016), Mestre (2008) e Doutor em Educação Brasileira (2013) pela Universidade Federal do Ceará - UFC. É professor colaborador do Programa de Pós-Graduação PRO-FLETRAS (UFCG - Câmpus de Cajazeiras). Atualmente, é presidente da Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP).

ABSTRACT: In Brazil, the academic discussion about research in initial education consists of a fragile debate, so that there is a gap in the scientific production on this object of study. This text presents and analyzes the strategies of actions and articulations developed by the *Associação Internacional de Pesquisa na Graduação* (AINPGP) around the debate on undergraduate research in Brazilian Universities. For this, a summary of its actions, instruments, and the strategies adopted of a 12-year trajectory is done. This experience report indicates that the AINPGP, through the *Fórum Internacional de Pedagogia* (FIPED) and other activities, has contributed academically to the debate on research at the undergraduate level, based on educational actions that occur through geographic, epistemological, and cultural displacements. To this end, it developed a pedagogical dynamic characterized by the format of an interinstitutional and itinerant network and from the perspective of the collectivity and the inclusion of subjects and educational institutions.

KEY WORDS: Undergraduate research; AINPGP; FIPED; University; Brazil.

1. Introdução

Pesquisar requer um devir viajante,
 e essa viagem demanda acompanhantes.
 (SALES, 2020)

NESTE TEXTO, apresento e analiso as estratégias de ações e articulações desenvolvidas pela Associação Internacional de Pesquisa na Graduação (AINPGP) em torno do debate sobre a pesquisa na graduação em Universidades brasileiras. Para isso, faço uma síntese de suas ações, dos instrumentos e estratégias adotados na trajetória de seus 13 anos de existência.

No Brasil, a discussão acadêmica sobre a pesquisa na formação inicial ainda consiste em um debate fragilizado, pouco privilegiado na academia e fora dela. Isso talvez ocorra em virtude da cultura acadêmica historicamente focar sua atenção às pesquisas desenvolvidas nos espaços da pós-graduação. Apesar das atividades de pesquisa, extensão e ensino desenvolvidas no âmbito dos cursos de graduação, a formação inicial de pesquisadores/as e as pesquisas desenvolvidas por professores/as e alunos/as na graduação têm pouca visibilidade e prestígio no universo acadêmico.

Essa cultura se materializa quando vislumbramos: os critérios de aceitação de artigos científicos em periódicos acadêmicos; no quantitativo reduzido de eventos acadêmicos que privilegiam a participação de estudantes de graduação; na fragilidade da cultura de publicações de pesquisas realizadas na graduação; na carência de políticas educacionais de incentivo à iniciação à pesquisa. Neste texto, parto da compreensão de que é no âmbito da graduação que se processam os percursos iniciais da formação de pesquisadores/as e se desenvolvem importantes iniciativas científicas na academia.

No âmbito da produção de conhecimento sobre a pesquisa na graduação, pouco se tem produzido sobre esse objeto de estudo na universidade brasileira². Pouco se

² Estudos, dentre os quais Bridi (2010), Costa (2013), Jorge (2010), Melo (2003), Oliveira (2010), Soares e Severino (2018), Barzotto (2020) ressaltam a necessidade de investimentos na formação do pensamento e

tem questionado de maneira mais sistemática sobre: *Quais os dilemas e percepções de professores/as e alunos/as sobre a pesquisa na graduação? Quais os obstáculos enfrentados por professores/as e alunos/as? Quais estratégias pedagógicas são adotadas para a formação de pesquisadores/as na graduação?*

É evidente que essas questões fazem parte do cotidiano acadêmico, mas nem sempre elas se concretizam como um objeto de estudo que possa resultar na construção de possibilidades mais efetivas de solução dos problemas nesse campo. Essa talvez seja uma lacuna com a qual a AINPGP e o Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED), de alguma maneira, vêm contribuindo academicamente no intuito de superá-la, dentro das possibilidades e limitações de uma Associação e de um evento acadêmico.

A realização de eventos, a exemplo do FIPED, têm se apresentado como uma das poucas estratégias de ações em rede voltada ao intercâmbio acadêmico realizadas na política educacional brasileira. Nesse sentido, observo o quanto as Instituições de Ensino Superior no Brasil atuam de forma precária na realização de ações voltadas a intercâmbios nas quais os profissionais de educação e estudantes, em especial graduandos/as, possam interagir e fortalecer seus processos formativos como pesquisadores/as e consequentemente suas instituições de atuação, em especial, no campo da pesquisa científica.

2. A Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia - AINPGP

No Brasil, a AINPGP tem desenvolvido ações voltadas à valorização, à visibilidade e ao fortalecimento da pesquisa na graduação, contribuindo significativamente para a formação de pesquisadores/as na graduação em pedagogia/educação e áreas afins. É uma entidade jurídica, sem fins lucrativos, voltada para a pesquisa científica na graduação e é representada por discentes, professores, pesquisadores e demais profissionais da educação, envolvendo áreas de conhecimento afins, de instituições nacionais e estrangeiras. Para efeitos administrativos, a AINPGP tem sua sede administrativa onde estiver instalada a sua Presidência³.

Seu objeto social consiste no fomento e proposição de discussões e ações direcionadas ao desenvolvimento articulado entre ensino, pesquisa e extensão na Graduação em Pedagogia/Educação e áreas afins, conjugando em torno deste objeto social uma rede de IES nacionais e estrangeiras. Dessa maneira, ela passa a integrar, no Brasil, o que o professor Valdir Heitor Barzotto (2017) passou a denominar de *Movimento pela Pesquisa na Graduação*.

O *Movimento pela Pesquisa na Graduação* seria um percurso de ações voltadas à defesa da formação de professores/as pesquisadores/as na graduação, sendo, no Brasil, «os maiores espaços de visibilidade o Fórum Acadêmico de Letras – FALE e o Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED [...] e mais adiante o Fórum Acadêmico de Estudos Lúdicos – FAEL» (Barzotti, 2017), espaços idealizados, realizados e

atitudes investigativas, desde a graduação. Destaco, também, os esforços da Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras (ANPGL) e a produção científica elaborada no âmbito da AINPGP (Consultar: <http://www.ainpgp.net/publicacoes/ebooks>), entre outros.

3 Desde o ano de 2018, em virtude da presidência do professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Alexandre Martins Joca, o Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG - Câmpus de Cajazeiras) sedia a AINPGP.

mobilizados pela Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras (ANPGL) e pela Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP). Segundo Barzotti (2017), «a função das Associações é dar continuidade aos fóruns, garantindo suas concepções básicas e fornecendo subsídios conceituais a projetos de investigação a respeito da produção da pesquisa na graduação e ao movimento que reivindica espaço e fomento para a pesquisa na graduação».

A ação de maior visibilidade desenvolvida pela AINPGP tem sido a realização anual dos FIPED, em edições realizadas no Brasil e no estrangeiro. No entanto, em seu plano de ações de 2020, propõe a realizar ações voltadas a «informação, divulgação, democratização e socialização permanente da produção de conhecimento na graduação». Essas ações têm como objetivo informar/democratizar/socializar a produção de conhecimento na graduação; fortalecer conexões (intercâmbio) entre discentes/docentes e IES; ampliar o acesso ao conhecimento discente/docente produzido na graduação. Para isso, faz-se necessário constituir uma rede de conexões educacional voltada à elaboração e manutenção de espaços virtuais permanentes de divulgação, fomento e socialização de atividades de pesquisas, ensino e extensão e demais atividades acadêmicas de discentes e/ou docentes no âmbito da graduação.

3. O Fórum Internacional de Pesquisa na Graduação - FIPED

É em torno da realização do FIPED que a AINPGP tem mobilizado milhares de docentes, discentes e demais profissionais da educação. O FIPED ocupa hoje um lugar de destaque na dinâmica acadêmica nacional brasileira.

Por sua natureza, o FIPED é um evento voltado para a valorização da pesquisa como elemento indissociável da formação profissional do estudante de graduação de diferentes áreas do conhecimento comprometidas com a concepção de pedagogia como processo educativo e inerente a qualquer área de formação/atuação. Esse objetivo projeta o FIPED com uma característica que lhe é peculiar e que atesta a sua relevância enquanto evento acadêmicocientífico diante de outros eventos dessa natureza. (Sampaio, Carvalho e Macedo, 2019, p. 6)

Faz-se necessário observarmos algumas especificidades do evento que o fazem singular nesse cenário acadêmico brasileiro. A primeira que quero destacar é a importância de observarmos que o FIPED é um evento eminentemente acadêmico e funciona, em parte, dentro da lógica brasileira da cultura acadêmica. E não poderia ser diferente, uma vez que foi idealizado e é realizado por sujeitos desse universo – professores/as e demais profissionais da educação superior – e tem como objetivo e foco a valorização e o fortalecimento da pesquisa na graduação. A filosofia do evento consiste em fazer-lhe como espaço de fortalecimento da Universidade e de diálogo dela com os demais espaços educacionais, daí a participação de professores/as e educadores/as de redes municipais e estaduais de ensino, de educadores sociais, de movimentos sociais etc.

A segunda está no contraponto adotado pelo FIPED à percepção de que a pesquisa acadêmica esteja eminentemente atrelada aos espaços da Pós-Graduação. Na Conferência *Efeitos da pesquisa na graduação*, ministrada em 2020 durante a Edição do FIPED Salamanca, o professor Valdir Barzotti chama a atenção para o caráter

de exclusão dos atuais programas oficiais de iniciação científica do ensino superior brasileiro, a exemplo do PIBIC⁴. Toma como princípio do movimento pela pesquisa na graduação, a luta «pelo direito de todo aluno da graduação fazer pesquisa e, claro, entre eles, os professores em formação [...] e dentro dessa luta pela pesquisa na graduação, uma luta pela pesquisa na formação inicial de professores» (Barzotti, 2020) e destaca:

Esse é o princípio básico pelo qual a gente luta: para que esta Universidade, que faz ensino, pesquisa e extensão, inclua todos os alunos na pesquisa também, além de no ensino e na extensão. Desde sempre, a nossa luta é para que o aluno de graduação tenha oportunidade de pesquisa e o modo como nós sugerimos que seja feito é por uma indissociabilidade radial do ensino, da pesquisa e da extensão. [...] Para começar, na Universidade entende-se que a pesquisa deve ser deixada para o mestrado e para o doutorado e isso cria um problema porque faz com que os alunos de graduação tenham que ficar esperando o dia em que eles vão ser autorizados à pesquisa. (*Idem*)

Penso que essa dinâmica excludente, equivocada e bastante presente na cultura acadêmica, que limita a pesquisa na graduação a poucos, decorra de nossa dificuldade em atuar na formação inicial de professores de forma integrada e pedagógica o tripé ensino/pesquisa/extensão. Esta é uma questão muito ampla que merece nossa atenção em outro momento⁵.

O fato é que, no âmbito da realização de espaços de sociabilização do conhecimento científico, no Brasil, a lógica empreendida na dinâmica dos Congressos/Encontros/Simpósios adota uma perspectiva que privilegia aqueles/as que já apresentam uma trajetória de pesquisa «minimamente» consolidada, ou seja, os/as que já integram Programas de Pós-Graduação, sejam como professores/as sejam como alunos/as. Essa lógica exclui de maneira velada ou explícita graduandos/as desses espaços formativos, daí, no campo da pedagogia e da educação, o FIPED destaca-se no Brasil como pioneiro nesse aspecto do reconhecimento e da valorização da graduação como espaço de formação para a pesquisa, ou melhor, como espaço de realização de pesquisa científica.

Uma terceira singularidade do evento consiste na trajetória geográfica desenhada no percurso das 12 (doze) edições até então realizadas. Desde a sua idealização, na pequena Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, de Norte a Sul do país, o FIPED vem privilegiando a realização de suas edições em municípios e câmpus acadêmicos que estiveram historicamente à margem dos grandes eventos científicos no Brasil, distanciando-se dos grandes centros urbanos e aproximando-se, do que se convencionou chamar, no campo da sociologia, do «Brasil profundo». Sobre essa

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) é um programa do Governo Federal do Brasil voltado para o desenvolvimento do pensamento científico e iniciação à pesquisa de estudantes de graduação do Ensino Superior. «Foi o primeiro programa institucional criado para a iniciação científica. Concede bolsas de iniciação científica a estudantes de graduação que queiram participar de um projeto de pesquisa, assim como estudantes de ensino médio, e tem como objetivo contribuir tanto na formação de recursos humanos para a pesquisa quanto na redução do tempo médio de permanência dos alunos na pós-graduação, possibilitando o acesso e a integração do estudante à cultura científica» (BRASIL, 2022). Para saber mais, consultar: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/iniciacao-cientifica>. Acesso em: 14/06/2022.

⁵ Sobre integração entre pesquisa/ensino/extensão nas políticas educacionais do Ensino Superior brasileiro, consultar DIAS (2012).

dinâmica, nas palavras do professor Pedro Gonzalles (2019), ao prefaciар o livro *Lugares de pesquisa, memória e internacionalização em 10 anos da AINPGP/FIPED*,

foi-se criando a «cultura do FIPED» tanto nos estudantes como nos professores. Houve alunos que se organizaram para percorrer as imensas distâncias do Brasil e participar no evento organizado em universidades mais afastadas dos seus locais de origem [...] Em seus diferentes espaços de existência itinerante, o FIPED inspira a expressão de estudantes da graduação, pós-graduandos, docentes, estimula a produção de artigos, comunicações, dá visibilidade aos pensamentos, projetos, pesquisas. Embala sonhos e esmiúça realidades tão distintas, fomenta redes de colaboração solidária na Academia, interliga continentes. (p. 08)

O que Gonzalles (2019) chama de «cultura do FIPED» corresponde a um movimento em rede empreendido por discentes e docentes ao acompanhar o evento Brasil afora, movimento que foi no decorrer dos anos agregando uma significativa representação acadêmica. Essa breve análise consiste em destacar a dimensão inclusiva do evento: inclusão de sujeitos, de espaços e de instituições historicamente pensados e tratados como «o outro» na dinâmica excludente da pesquisa acadêmica brasileira.

4. O FIPED na formação de docentes e discentes pesquisadores/as no Ensino Superior

Avalio a relevância da experiência no FIPED para professores universitários a partir de 3 (três) espaços de atuação importantes para a formação profissional de docentes acadêmicos. O primeiro, para a formação como professor/a, no exercício do magistério no ensino superior; o segundo, para a formação como pesquisador/a que, em especial, na graduação, participa e acompanha o processo formativo de jovens pesquisadores/as na etapa inicial de sua formação acadêmica; o terceiro, na experiência de construir, como organizador ou colaborador, um evento acadêmico internacional voltado à discussão sobre a pesquisa na graduação. É evidente que o ensino, a extensão e a pesquisa estão – ou deveriam estar – entrelaçados na dinâmica acadêmica do fazer docente, no entanto, acredito que comportam dimensões específicas importantes para a atuação profissional de professores universitários.

A filosofia inclusiva do evento, que apresentei no tópico anterior, nos possibilita pensar sua relevância para a formação docente, seja na universidade, sejam nos demais espaços educacionais. A participação em um evento com tais características potencializa a percepção e a compreensão da pluralidade, da diversidade e da complexidade de realidades sócio educacionais de um país continental como o Brasil, em especial, quando compreendemos o exercício da docência como uma prática de constante reflexão sobre a sociedade e a vida. Assim, ao trazer a pesquisa como experiência acadêmica e entendida como um esforço sistemático e metódico de problematização da realidade para «transformar o mundo, criar objetos e concepções, trabalhar a natureza e elaborar as suas ações e ideias» (Chizzotti, 2001, p. 11), o FIPED contribui com a formação científica de docentes e discentes.

Nesse processo, no âmbito mais restrito à experiência antropológica de está em contato e em diálogo com (e no) «Brasil profundo», vivenciada nas diversas edições do evento, o FIPED potencializa e lapida o caráter profissional reflexivo para práxis

educativa, especialmente quando trabalhamos, na docência, com questões sociais que atravessam e são atravessadas por categorias analíticas como «diferenças», «diversidades», «Inclusão», «exclusão», «desigualdades», «Cidadania», «direitos», etc. Digo isso, porque para além da dinâmica tradicional acadêmica, que se faz em formato de conferências, de mesas-redondas, de grupos de trabalho, de oficinas de projetos, etc., o FIPED tem se constituído como um espaço/tempo do encontro, da sociabilidade, da conversa informal, de relações interpessoais, entendidas como experiências de formação tão educativas quanto aquelas.

De certa maneira, institui-se uma dinâmica educativa que se passa na informalidade das relações interpessoais e interculturais, a partir do exercício e da vivência coletiva para além dos muros dos câmpus acadêmicos, o que poderíamos chamar de e uma «pedagogia dos sentidos», pautada na experiência antropológica da observação e das inter-relações não formais: no olhar, na escuta, no contato, na fala com os demais, que se vivenciou na travessia pelas águas do rio Amazonas; no contato com as comunidades ribeirinhas do Pará; na dança do boi Garantido e Caprichoso; no aconchego do sertão nordestino; na brisa de Santa Maria. Uma pedagogia vivida no contato com culturas diversas no Brasil e nas edições no exterior.

Não estou aqui a negar a dimensão educativa da troca dos saberes elaborada no âmbito da produção acadêmica dos espaços formais, mas a ressaltar o potencial educativo da dinâmica não programada, experienciada na dimensão do encontro de culturas. Acredito que a possibilidade de conviver, mesmo que em um tempo limitado, com a diversidade de dialetos, de modos de vida, de práticas sociais e educacionais que constituem o Brasil, faz de nós, professores/as capazes de analisar e compreender com maior propriedade nosso lugar e nossa realidade, o lugar e a realidade de nosso/as educandos/as, de nossas instituições. Característica que considero essencial ao exercício do magistério comprometido com uma sociedade melhor para todos e todas.

Sob essas perspectivas, a experiência fipediana contribui igualmente para a atuação profissional de docentes universitários como pesquisadores/as, uma vez que os coloca na posição de quem deve estar atento/as às questões pertinentes a este campo de atuação do/a professor/a universitário. Digo isso, por perceber que a cultura acadêmica atribui um lugar específico à pesquisa e conseqüentemente, à figura do/a professor/a pesquisador/a, de modo a estereotipá-los/as como *pseudos* «intelectuais», pertencentes à minoritária classe de professo/as pesquisadores/as.

Na cultura acadêmica, a pesquisa está situada como uma atividade eminentemente intelectual, elitizada, privilegiada e distante do horizonte de muito(a)s estudantes, para os quais adentrarem a (ou passar pela) universidade já é um grande «privilegio». Daí, entendemos uma das explicações possíveis para a construção e partilha de um discurso que reforça a pesquisa e seus desdobramentos, como algo difícil [...]. Faz-se necessário à comunidade acadêmica, a desconstrução dessas fronteiras, de modo a aproximar o(a)s jovens graduando(a)s de atividades de investigação no decorrer de seus processos formativos na academia. Assim, aponta-se para as possibilidades de que ele(a)s possam tornar-se pesquisadore(a)s, estimulando o sentimento de pertença ao campo da produção intelectual. (Joca e Santos, 2020, p. 31)

Daí, a relevância, para muitos estudantes graduandos, em participar de espaços que estimulem a pertença ao lugar da pesquisa. Entre docentes universitários, nem todos/as são adeptos ao lugar de professor/pesquisador. Muitos, quando possível,

afastando-se da prática da pesquisa – entendida aqui como um campo específico da atividade do/a docente universitário/a, mas não obrigatório. Campo, por vezes, considerado privilegiado na hierarquia forjada pela cultura acadêmica.

Na prática das universidades, há docentes que atuam no ensino da graduação e/ou de pós-graduação; há os que fazem pesquisa, na maioria das vezes vinculados a programas de pós-graduação; há os que se dedicam a programas de extensão. Há, inclusive, os que conseguem atuar no ensino, e desenvolver programas de extensão e pesquisa – mas, mesmo nesses casos, podemos dizer que há indissociabilidade/integração? (Dias, 2021, p. 21)

Longe de tentar responder ao questionamento de Dias (2021), o que quero ressaltar é que tanto o ensino quanto extensão são, na prática, produtores de saberes, portanto, espaços e práticas de pesquisa. No entanto, muitas vezes, são saberes não reconhecidos, ou não valorizados, pelos próprios sujeitos que os produzem, de maneira que não são sistematizados e tão pouco socializados no cotidiano acadêmico, estando passíveis a perder-se no decorrer do tempo, longe de atenderem aos pré-requisitos formais de legitimação do saber científico.

A participação no FIPED, pela filosofia adotada e acima apresentada, convida e instiga discentes e docentes à percepção do potencial epistemológico que atravessa, em ambos, a experiência na graduação.

Neste cenário, ser pesquisador (a) no âmbito da graduação, diz respeito a um conjunto de práticas que extrapolam os limites da sala de aula e chegam à leitura da sociedade como um todo complexo e dinâmico [...]. Neste sentido, nosso desejo é ser território fértil para o cultivo da pesquisa na graduação, oportunizando a divulgação de trabalhos de pesquisas produzidos por alunos e alunas da graduação, buscado assim exercitar o senso crítico e reflexivo sobre a relação entre educação e sociedade. (Franco, 2016)

E a pesquisa é pensada como «uma ação coletiva, dialógica, em constante interação com «o outro» e com o mundo» (Joca e Santos, 2020). Dessa maneira, o FIPED proporciona o acesso a outros modos de fazer pesquisa e aproxima docentes e discentes de possibilidades de a(rticula)ções em rede, em conexões com espaços, instituições, sujeitos e culturas diversas. Por tratar-se de um evento com um caráter interdisciplinar, itinerante, desloca os/as docentes da bolha das limitações curriculares e epistemológicas, de sua zona de conforto, dos seus espaços cotidianos, proporcionando o diálogo com outras realidades e culturas.

A interação com profissionais que atuam em temáticas e com objetos que divergem de nosso histórico curricular amplia o saber e abre possíveis novos campos de atuação de pesquisa. Essas possibilidades também se fazem tanto na dinâmica pedagógica programada do evento quanto na rica vivência de articulação com pesquisadores/as fora dos espaços dialógicos formais. Para além dessas questões, o FIPED traz para o cotidiano de docentes e discentes os questionamentos acerca da pesquisa na graduação de maneira mais consistente, uma vez que o evento tem como foco potencializar a formação dos/as graduandos/as para a pesquisa.

Não menos importante que a dimensão da experiência para docência e para a pesquisa, a experiência docente/discente de organizar e/ou participar como colaborador/a de um evento como o FIPED – seja na organização burocrática, seja no campo das problematizações epistemológicas – constitui-se como uma oportunidade de

aprendizados diversos. Entendo como organização, as ações burocráticas necessárias à realização de um evento de amplitude internacional; a criação de espaços dialógicos voltados à elaboração epistemológica da proposta do evento; as ações de interações interinstitucionais e interpessoais em rede para a constituição do potencial intelectual (humano)⁶. Nesse sentido, a organização de eventos acadêmicos é um aprendizado necessário e importante na vida profissional de docentes e discentes, em virtude da relevância de interações entre instituições, profissionais da educação e educandos/as.

Contar com a experiência e a contribuição de coordenadoras de edições anteriores e membros da diretoria da AINPGP é um elemento significativo para a organização dos FIPED. Penso que esta experiência acumulada pode e deve ser potencializada na realização de futuras edições, de modo a contribuir no processo burocrático e pedagógico da elaboração do evento garantindo o seu êxito e fortalecendo sua organização local.

5. Estratégias da AINPGP/FIPED no debate sobre a pesquisa na graduação

A AINPGP tem, hoje, todas as possibilidades humanas e epistemológicas para avançar no sentido de problematizar as questões em torno da pesquisa na graduação, contribuindo com esse debate para além dos espaços/tempos do FIPED. Entre os seus desafios atuais está o de fortalecer e organizar o caráter de rede que tem caracterizado a realização do FIPED; em ampliar as estratégias de fomentar, valorizar e potencializar a produção de conhecimento de professores/as e graduandos/as, assim como sistematizar os conhecimentos produzidos no decorrer da trajetória da AINPGP e do FIPED, fazendo destes, pontos de partida para a produção de outros e novos conhecimentos sobre a iniciação à pesquisa na formação de graduandos/as.

O caminho percorrido pela associação concentrou esforços em construir uma rede professores/as e discentes graduandos em torno da realização anual do FIPED. Atualmente, a AINPGP avança no sentido de construir uma rede de professores/as e alunos/as graduandos/as que se voltem à produção de conhecimento sobre a pesquisa na graduação, de maneira que esse objeto de estudo esteja no foco de suas pesquisas no cotidiano do seu «fazer ciência», estando esta questão presente nos seus cotidianos acadêmicos e nas suas pesquisas.

Nos últimos anos a AINPGP tem se dedicado a construção e/ou estruturação de espaços dialógicos contínuos de interação entre professores/as pesquisadores/as, estudantes pesquisadores/as e suas respectivas instituições. A criação e organização do Observatório da Pesquisa na Graduação (OPG/AINPGP) tem o intuito de formalizar o caráter interinstitucional da rede a partir de um espaço contínuo de debate sobre pesquisas em rede e/ou individual capaz não apenas de socializar o conhecimento, como também produzi-lo coletivamente.

⁶ Em virtude do seu caráter itinerante, a cada edição, o FIPED constitui uma organização local específica, responsável por todo o processo burocrático e pedagógico de elaboração e realização do evento. Cabe à AINPGP acompanhar e orientar as organizações locais no sentido de garantir que se mantenha a filosofia definida no regimento da Associação. Nesse contexto, tem-se primado pela autonomia das coordenações locais.

A reorganização de seus espaços virtuais de interação – *site*⁷ e redes sociais⁸ – apresenta-se, também, como uma estratégia pedagógica no intuito de que ambos estejam em constante diálogo com a comunidade acadêmica. Esta iniciativa parte do entendimento de que as novas tecnologias são espaços importantes para a informação, divulgação, socialização e democratização do conhecimento na graduação, assim como essenciais para o compartilhamento de outras questões que perpassam a vida acadêmica de educadores/as e estudantes.

Tratam-se, portanto, de ações que visam a interação entre ações educativas acadêmicas na graduação e os espaços virtuais (via rede mundial de computadores, a internet), no sentido de pensar estes como instrumentos e possibilidades complementares àquelas. Aqui, os espaços virtuais são pensados como instrumentos que possibilitam a ampliação da democratização e da socialização do conhecimento científico produzidos nas universidades brasileiras, em especial, na graduação. São pensados, também, como espaços de interações e possibilidades de articulações em rede na educação. Assim, olhamos para as tecnologias como instrumentos de aproximação entre educadores/as, docentes e demais profissionais da educação independente das distâncias geográficas que os separam e das instituições as quais estão vinculados profissionalmente.

É inegável o quanto as novas tecnologias modificaram os modos de vida na sociedade contemporânea. O mundo do trabalho, das relações interpessoais, do lazer, da comunicação e da informação, etc., sofreram transformações significativas nas últimas décadas. Ao tratarmos da educação e das novas tecnologias, não entramos no mérito da questão sobre a viabilidade e eficácia (ou não) da Educação a Distância (EaD) e/ou do ensino remoto, temáticas em evidência em tempos de Pandemia do COVID-19. O que tratamos, aqui, é da inquestionável capacidade das tecnologias em aproximar experiências educativas distintas, em proporcionar elos e diálogos educacionais e viabilizar alternativas a práticas educativas e de pesquisas.

Outra estratégia pedagógica no campo de atuação da AINPGP está no fomento à socialização do conhecimento através de seu Selo Editorial: as Edições AINPGP⁹. O intuito é produzir e sistematizar o conhecimento sobre a pesquisa na formação inicial, de maneira que as questões metodológicas, políticas, curriculares, sociais, epistemológicas e operacionais acerca da pesquisa na graduação no Brasil e em outros países tenham na AINPGP um espaço de socialização e democratização do saber.

6. Algumas considerações

Entendo que a escrita de caráter conclusivo deste texto implica em sistematizar brevemente as ações e articulações da AINPGP no que diz respeito aos propósitos que justificam a sua existência: fomentar e propor discussões e ações direcionadas

⁷ Acesso ao site da AINPGP: www.ainpgp.org

⁸ Acesso às redes sociais da AINPHP: *instagram* (@ainpgp); *facebook* (<https://web.facebook.com/fiped.ainpgp>).

⁹ Vale lembrar que a AINPGP, através do FIPED, vem fomentando a valorização e a socialização do conhecimento produzido pelos/as associados/as e parceiros, docentes e discentes, priorizando os saberes elaborados nos espaços da graduação. A produção anual de livros digitais, em formato de e-book, tem sido uma estratégia permanente da associação. Ver: <https://ainpgp.org/edicoes-ainpgp/>

ao desenvolvimento da pesquisa na graduação em Pedagogia/Educação e áreas afins. Nesse sentido, recorro à metáfora da «viagem acompanhada» adotada pela professora Celecina Sales em reflexões sobre a prática da pesquisa acadêmica, ao afirmar que «pesquisar requer um devir viajante, e essa viagem demanda acompanhantes» (Sales, 2020).

Tal metáfora se faz apropriada à experiência da AINPGP, socializada neste texto, não apenas por tratar-se de ações itinerantes que se fazem por deslocamentos geográficos, epistemológicos e culturais, mas, sobretudo, pelo caráter coletivo de sua dinâmica pedagógica, pelo fazer acompanhado. Essa coletividade implica na percepção de que a AINPGP empreende ações educativas de fomento à pesquisa na graduação que se processam pela sistêmica de um fazer plural, inconcluso, dinâmico e em consonâncias com as realidades de seus acompanhantes.

O formato de rede interinstitucional, itinerante e sob a perspectiva da inclusão dos sujeitos e das instituições, desenhado pela AINPGP em torno da realização do FIPED, potencializa essa produção de conhecimento que se faz na coletividade, considerando e respeitando as singularidades locais e regionais do «Brasil profundo». Um «devir viajante» que se refaz a cada ação, a cada edição do FIPED, constituindo-se como uma experiência de aprendizados singulares que dialogam entre si. Desse modo, não se trata de uma sequência de ações desconectadas, a mercê das circunstâncias locais, mas de ações que articulam o local com o global, por processos reflexivos sobre a pesquisa, a educação e o nosso lugar no mundo como viajantes, sempre acompanhados/as.

7. Bibliografia

- Barzotto, V. H. (2017). Iniciação à investigação científica: potencialidades e perspectivas. Em P. F. GONZÁLEZ e J. M. Á. de Lima, *JOIN 2016: I Encontro Internacional de Jovens Pesquisadores – Atas* (pp. 10-16). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Barzotto, V. H. (2020). Efeitos da pesquisa na graduação - *Fórum internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (FIPED) – Edição Salamanca*. Recuperado em 13 de abril de 2021, em: <https://www.youtube.com/watch?v=rdEojrvGxS4>
- Bridi, J. C. A. (2010). *A pesquisa na formação do estudante universitário: a Iniciação Científica como espaço de possibilidades*. 214 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Campinas, Campinas.
- Chizzotti, A. (2001). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- COSTA, A. (2013). *O processo de formação de pesquisadores: análise do programa de iniciação científica da Universidade Federal de Santa Catarina no período de 1990 a 2012*. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Dias, A. M. I. (2012). Pesquisa na graduação e na práxis docente: educação para a emancipação humana. Em T. S. A. M. Bezerra, L. M. Cavalcante, R. K. G. Franco e M. L. P. Sampaio (coords.), *Emancipação humana, Práxis Docente, Trabalho e Educação* (pp. 21-35). Campina Grande – PB: Realize.
- Franco, R. K. G. (2016). Apresentação. Em T. S. A. M. Bezerra e M. P. de A. Vieira (orgs.), *A Pesquisa como Prática Pedagógica na Formação Inicial do Pedagogo* (pp. 4-5). Campina Grande – PB: Realize.
- Gonzalles, P. (2019). Prefácio. Em M. L. P. Sampaio, M. E. F. de Carvalho e S. M. F. Macedo (orgs.), *Lugares de pesquisa, memória e internacionalização em dez anos de AINPGP/FIPED*

- [recurso eletrônico]. X Fórum Internacional de Pedagogia, realizado nos dias 27, 28, 29 e 30 de novembro de 2018 em Pau dos Ferros/RN. Pau dos Ferros: AINPGP, UERN, CAMEAM, viii.
- Joca, A. M. e Santos, E. dos. (2020). Desafios Iniciais do Fazer-se pesquisador(a): (des)encontros que fazem caminhos. Em A. M. Joca, K. M. de Sousa e V. Guidotte (orgs.), *Pesquisa na Graduação: reflexões, experiências e saberes do(dis)centes* (pp. 28-40) [recurso eletrônico]. Cajazeiras: AINPGP.
- Jorge, M.; TELLES, T. e PATROCINO, A. C. (2010). A iniciação científica no ensino superior. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, 10(30), 441-457, maio/ago.
- Oliveira, E. L. (2010). *A formação científica do jovem universitário: um estudo com base no programa Institucional de bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)*. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Sales, C. de M. V. (2020). Uma Viagem Acompanhada: percurso de pesquisa com estudantes de graduação. Em A. M. Joca, K. M. de Sousa e V. Guidotte (orgs.), *Pesquisa na Graduação: reflexões, experiências e saberes do(dis)centes* (pp. 17-29) [recurso eletrônico]. Cajazeiras: AINPGP.
- Sampaio, M. L. P.; CARVALHO, M. E. F. e MACEDO, S. M. F. (2019). Apresentação. Em M. L. P. Sampaio, M. E. F. de Carvalho e S. M. F. Macedo (orgs.), *Lugares de pesquisa, memória e internacionalização em dez anos de AINPGP/FIPED* [recurso eletrônico]. X Fórum Internacional de Pedagogia, realizado nos dias 27, 28, 29 e 30 de novembro de 2018 em Pau dos Ferros/RN. Pau dos Ferros: AINPGP, UERN, CAMEAM, vi-vii.
- Soares, M. e SEVERINO, A. J. (2018). A prática da pesquisa no ensino superior: conhecimento pertencente na formação humana. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, 23(02), 372-390. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/7drNKF8x7ch6rgGxmrKf7yz/abstract/?lang=pt> Acesso: 14/06/2022.
- Site consultado: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/iniciacao-cientifica>. Acesso em: 14/06/2022.